

Noticias do Algarve

SEMANÁRIO REGIONALISTA

EDITOR, PROPRIETÁRIO E DIRECTOR INTERINO — ARMANDO ROCHA CRUZ • Delegado em Lisboa: EMILIO VALONCO • Telef. 45457

SENSACIONAIS!
AS NOVAS SECÇÕES DE
ROTULAGEM
E CARTONAGEM
DA TIPOGRAFIA SOCORRO
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO
Telefone 59 Apartado 3

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — RUA PINHEIRO CHAGAS, 24 — TELEFONE 59
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

ANO VI — N.º 277 — Domingo, 28 de Setembro de 1958

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO — TIPOGRAFIA SOCORRO
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

MEDITANDO...

ESTÁVAMOS três amigos em cavaqueira amena quando um de nós, moço que dedica os seus entusiasmos às coisas agrícolas, contou que estando um dia em um dos pomares por ele plantado lhe apareceu uma brigada de engenheiros agrónomos aos quais depois de trocados os cumprimentos perguntou se iam ali para o orientar nas suas plantações.

— «Não, foi a resposta, vimos para contar as árvores».

Lembrei-me então que talvez daquela brigada fizesse parte aquele meu afilhado que se empregara em Lisboa sem fazer nada e ganhando bem.

Comparticipações PARA O ALGARVE

O sr. ministro das Obras Públicas concedeu, pela verba do Fundo do Desemprego, à Câmara Municipal de Faro, um reforço de comparticipação da importância de 55.695\$00, para assentamento de colectores na Avenida da República da mesma cidade; à de Lagos um reforço de 15.000\$00, para urbanização do bairro para as classes pobres; à de Loulé, um reforço de 5.000\$00, para reparação de arruamentos, e uma comparticipação de 13.000\$00, para obras dos esgotos, ambas na vila.

No seu segundo Plano de Fomento dedicou o Estado a verba de 150 mil contos à arborização do País. Poderá parecer à primeira vista exagerada a verba, mas para quem veja a imperiosa necessidade de enriquecer, arborizando-as, muitas terras escarpadas ou fracas que pouco ou nada produzem, reconhecerá que se ela é vultosa de modo nenhum se desperdiçará por não ter onde se aplicar.

Temos a impressão de que entre nós se não conhece ainda bem a importância económica e até efectiva da árvore.

E todavia ela acompanha e protege o homem no decorrer de toda a sua existência, desde o berço onde o reconhece quando nasce, até ao caixão em que o metem quando morre.

(Conclui na 4.ª página)

REDE DE ENERGIA ELÉCTRICA DE MONCHIQUE

Para execução dos trabalhos de modificação da central eléctrica da sede do concelho, com o estabelecimento de um posto de transformação para ligação à rede eléctrica nacional por intermédio da C. E. A. A., foi publicada uma portaria concedendo à Câmara Municipal de Monchique uma comparticipação do Estado de 20.000\$00.

Conta Gotas

Por D. MARIA MANUELA NUNES

Adeus

Só o que me dizem é que preciso de estar quietinha, não andar muito, repousar...

Pois sim. Tudo isso está muito certo, a febre, a saúde, não sei mais o quê. Mas este sol! Mas estes montes, mas estes carreirinhos, imprevisíveis como certos versos, certas imagens! Mas estes fios de água a que o povo chama, pomposamente, rios...

Quieta, manietada no quarto de paredes ainda no reboco, à falta de melhor, perco tudo isso, estou sendo defraudada em cada hora que passa.

Gosto de imaginar paisagens, isso gosto. Mas quero antes assistir a elas, dialogar de igual para igual com as pedras e os tais rios e os «acalptos» e os molinhos gultescos.

Por isso adeus! Quando perguntarem por mim, estou longe. Longe, por onde andam lobos e milhafres. Resina velha e uma lembrança antiquíssima de mim.

Aqui mesmo à beira

Pois eu a trepar duramente a encosta, a chamar irmãozinhos aos cardos e às perolas. Eles nem elas não querem saber. Dizem S. Francisco de Assis — só um. Quando atinjo o cabeço de onde se avista toentosa toda eu vou num santo sudário.

Sento-me, na rocha trigueira. Com mil cautelas. Porque eu que não temo lobos nem milhafres (julgo—vejam a toleima!—)

(Conclui na 2.ª página)

HÁ CASOS EM QUE POR AMOR À VERDADEIRA EDUCAÇÃO E ÀS CRIANÇAS

O PROFESSOR É APODADO DE MAU FUNCIONÁRIO

EM Maria Rosa Colaço «é urgente o amor»: não o amor de sexo, mas o amor humano, o amor de dar-se inteira por uma humanidade onde os homens se amem mais entre si.

E esta atitude não se manifesta apenas no que escreve, em toda a sua prosa e verso que transcende amor e poesia, essa atitude de ela a mantém bem expressa na profissão que abraçou: professora primária.

No irrequietismo e vivacidade da sua obra — e não é descabido falar em obra, porque Maria Rosa Colaço a tem já nos inúmeros trabalhos que subscreveu em numerosas publicações — não sabemos que mais apreciar, se a simpatia da forma, revelada numa temática que nos vai direita ao coração, se o calor humano que vibra na profundidade das suas palavras.

Era urgente ouvir Maria Rosa Colaço. Fomos encontrá-la no seu mundo, no mundo das crianças, rodeada de pequenitos traquinias e chilreantes. Ficámos, por momentos,

de Maria Rosa esclarece: — Se você chama juventude àquela meia dúzia ou dezenas — tanto faz — que por aí encontramos, metendo o nariz, mesmo quando não nos chamam, em tudo o que exige a força da angústia, o calor da esperança e a aliança do entusiasmo e que afinal são sempre os mesmos — concerteza que sim. Mas... e os outros milhares? Foi pensando nesses milhares que a nossa pergunta fôra feita. Maria Rosa, acrescenta ainda: — Há muito que sobre ela cresceu até, uma grande floresta de soluções, todavia cheia de fantasmas e adamastoras, como no mar

de, Maria Rosa esclarece: — Se você chama juventude àquela meia dúzia ou dezenas — tanto faz — que por aí encontramos, metendo o nariz, mesmo quando não nos chamam, em tudo o que exige a força da angústia, o calor da esperança e a aliança do entusiasmo e que afinal são sempre os mesmos — concerteza que sim. Mas... e os outros milhares? Foi pensando nesses milhares que a nossa pergunta fôra feita. Maria Rosa, acrescenta ainda: — Há muito que sobre ela cresceu até, uma grande floresta de soluções, todavia cheia de fantasmas e adamastoras, como no mar

Solicitámos a atenção de Maria Rosa. Por momentos a roubámos ao convívio amigo e fraterno das crianças.

Naturalmente, simplesmente, iniciámos a conversa e também naturalmente, simplesmente, a entrevista surgiu:

— Está a actual juventude portuguesa preparada para desempenhar cargos de responsabilidade e participar activamente na vida da Nação?

Consciente e segura da realidade,

de, Maria Rosa esclarece: — Se você chama juventude àquela meia dúzia ou dezenas — tanto faz — que por aí encontramos, metendo o nariz, mesmo quando não nos chamam, em tudo o que exige a força da angústia, o calor da esperança e a aliança do entusiasmo e que afinal são sempre os mesmos — concerteza que sim. Mas... e os outros milhares? Foi pensando nesses milhares que a nossa pergunta fôra feita. Maria Rosa, acrescenta ainda: — Há muito que sobre ela cresceu até, uma grande floresta de soluções, todavia cheia de fantasmas e adamastoras, como no mar

Foi pensando nesses milhares que a nossa pergunta fôra feita. Maria Rosa, acrescenta ainda: — Há muito que sobre ela cresceu até, uma grande floresta de soluções, todavia cheia de fantasmas e adamastoras, como no mar

— Há muito que sobre ela cresceu até, uma grande floresta de soluções, todavia cheia de fantasmas e adamastoras, como no mar

(Conclui na 4.ª página)

ELE, MULHERES, "WHISKY" E... MURROS!



Eddie Constantine

— o tal que diz ser indomável — continua a dar que falar no meio do celulósido. Ele aparece e atrás dele surgem os traficantes de estupefacientes, muitas beladades loiras e morenas, muitas garrafas de «whisky» e... murros, muitos murros, que deixam K. O o bandido de cara de mau sem olho de vidro! — porque o soco do nosso valentão é deveras excepcional!

Diz-nos ele, numa carta há pouco recebida, que desafia qualquer um de vós para um combate sem arbitragem, a agradecer, contudo, que o prémio instituído ao vencedor seja uma simpática vilarrealense... para passear e uma garrafa do bom «whisky». Haverá p'ra aí algum valentão que queira candidatar-se a passar uma temporada no hospital a contar 1 Constantine, 2 Constantines, 3 Constantines?...

Agora é que isto vai aquecer!

HOTÉIS E PENSÕES

O nosso colega Diário Popular num dos seus últimos números trazia uma Crónica tratando da falta de hotéis e pensões na Praia da Rocha e Portimão.

O que diremos nós duma conhecida praia nossa em que a única pensão que lá trabalha, ao que nos consta, vai deixar de fornecer comida para só oferecer dormidas aos seus hóspedes?

As funestas consequências estão já a sentir-se e cada vez mais se hão-de acentuar.

Não haverá quem acuda?

RESPIGOS

A propósito de cinema (cinema nacional, claro!) transcrevemos de «O Primeiro de Janeiro» esta notícia que como diria o humorista, trata-se de uma notícia muito agradável para os que não acreditam na cinemateca nacional.

Um Filme Português

«No próximo domingo (28), iniciam-se nesta cidade, as filmagens da «Costureirinha da Sé», um novo filme português tipicamente português. Rodada a cores, a nova produção nacional é baseada na opereta popular do mesmo nome, da autoria dos autores portugueses Arnaldo Leite e Carvalho Barbosa. A adaptação e realização do filme pertencem ao cineasta português Manuel Guimarães e a acção passa-se inteiramente nos bairros típicos do Porto. Além disso, grande parte da interpretação de «A Costureirinha da Sé» está entregue a artistas portugueses, alguns dos quais componentes do Teatro Experimental do Porto, como Baptista Fernandes, que fará o principal papel masculino; João Guedes, Alda Rodrigues, José Silva e outros. Maria de Fátima Bravo será a protagonista e do elenco fará parte, entre outros, o popular actor Costinha. Também foi convidado a desempenhar um pequeno papel no filme o actor português Soares Correia».

Como nota final, sublinharemos o nome de Maria de Fátima Bravo, a protagonista. E, neste caso, acreditamos que «mais vale cair em graça do que ser engraçado», até porque temos assistido à aceleração desta simpática canção-tista que «meio-mundo» escuta já as suas inúmeras gravações.

Mas serão realmente gravações que justifiquem a sua grande popularidade?

«Vocês... sabem lá!»

O JAPÃO À CONQUISTA DOS MERCADOS DO ATUM

COM frequência que inserimos nesta secção notícias respeitantes à actividade dos Japoneses nas mais variadas zonas de pesca do globo, em procura do atum, sendo nosso intuito alertar os industriais da pesca, nossos leitores, quanto à grave situação que os dinâmicos filhos do Império do Sol Nascente vão gradualmente criando aos países produtores, dos quais nós somos um deles.

O problema interessa tanto à pesca como à conserva. E por esse motivo o nosso prezado colega «Conservas de Peixe» publica, no

seu número do passado mês, um editorial sob o título de NOVAS SOMBRAS NO HORIZONTE, o qual seguidamente apresentamos:

«A experiência tradicional da indústria de conservas de peixe, demonstra que esta relevante actividade produtora do País nunca pode repousar à sombra dos seus êxitos ou conformar-se passivamente com os seus desfalecimentos. Poucos sectores industriais apresentarão uma história tão inquietada de ásperas lutas, de renovados problemas, de dificuldades árduas, a muitos deles temos feito referência nos últimos meses.

Mais outra está a surgir com ameaçadoras perspectivas, impondo aos industriais interessados, aos organismos que têm a responsabilidade da defesa e coordenação do seu esforço e aos poderes públicos, que são garantes do bem geral, a ponderação de novos factos no mercado internacional conserveiro.

As indústrias, da pesca e das conservas do Japão, ressurgidas com inesperado vigor no plano mundial, estão a desencadear um autêntico «dumping» nas vendas de atum fresco e em conserva a vários países, ameaçando de ruína irreparável os seus concorrentes. Já se disse que as consequências desta brusca ofensiva nipónica implicarão para as actividades conserveiras de algumas nações produtoras um verdadeiro «harakiri» comercial, consumando a ruína dos fabricantes e exportado-

(Conclui na 4.ª página)

AQUISIÇÃO DUM NAVIO PARA A PREPARAÇÃO DE CONSERVAS DE CAMARÃO

O ministro dinamarquês para a Groenlândia sr. Kaj Lindberg, pediu à Comissão de Finanças um crédito de 350.000 coroas destinado à aquisição de um navio-fábrica para preparação de conservas de camarão.

Segundo os cálculos feitos, aquela despesa poderia ser amortizada ao fim de três estações de pesca, tomando como base de produção em cada safra o fabrico de 300 000 caixas de camarão, cifra que corresponde somente a metade da capacidade de produção do navio-fábrica, durante os seis meses que dura a pesca em cada ano.

Os estudos biológicos efectuados, mostraram que os bancos de camarão da Groenlândia estão muito longe de se esgotar, o que leva à conclusão de não se apresentar qualquer inconveniente com o emprego do navio-fábrica,

DE NOVO A BELA SARA MONTIEL

A famosa e aplaudida Sara Montiel (todos se recordam dela em «O Último Couplet»), acaba de regressar às telas dos cinemas de Lisboa, desta vez ao lado do apaixonado Raf Vallone, na película «A Rapariga das Violetas». Trata-se de um famoso romance musical que nos revela uma Montiel mais séria, mais actriz e mais encantadora — uma simpática violeteira que só Sara Montiel saberia interpretar.



HISTÓRIAS E ANEDOTAS SINGELAS

1 Está no Matias das Casas constabanciado o algarvio de todas as épocas, porque a história dele corre como paradigma de todos os conterrâneos. Homem de sete ofícios, não se prendendo com evasivas nas fal-

POR JOSÉ ESTEVAM

tas de trabalho, ainda moço abalou de casa por a divisão da legítima materna não lhe oferecer os cômodos de senhor agrícola.

El-lo a servir em Vila Real, a desloca-se para lá de Aiamonte, a atravessar de novo o Guadiana e a enfiar pelas plagas alentejanas, sempre nos labores da lavoura.

Mas o Alentejo deixou-o pasmado. Aquilo era o inverso do seu ridente Algarve.

O homem ali podia morrer de fome encostado à soleira das portas do alvorecer ao tepor do dia, que não arredava pé do torrão natal, mercê da aridez dos cam-

pos, secos como o sentimento dos antepassados, no monótono ambiente da criação do porco e da florescência do trigo.

O alentejano jamais elevaria velhos povoados como Montijo, em que o algarvio mais uma vez mostrou a raça de que descende, rija e teida na empresa e senhora do Mar Tenebroso.

Depois das mondas do arroz no Ribatejo, o Matias fez-se embarcado, palmilhou as sete partidas do Mundo, amealhando necessário para renovar a Portela, onde pela primeira vez abriu os olhos perspicuos.

2 Posto que despido de preceitos, o Matias das Casas andou e persiste agarrado à tradição, como seu avô, que se bateu pelo Senhor Rei D. Miguel.

E no instinto não lhe medrou a esfinge chamada democracia, que ainda agora não sabe o que isso seja.

— Rapaz! — aconselhava o pai. (Conclui na 2.ª página)

Notícias PESSOAIS

Partidas e Chegadas

Tivemos o prazer de cumprimentar na nossa Redacção o nosso presado assinante sr. Eduardo José Raposo digno presidente da Câmara Municipal de Mértola.

Tivemos o prazer de cumprimentar na nossa redacção o sr. Duílio Diocleciano Caleça, Chefe da Secretaria da Escola Industrial e Comercial, de Viseu, nosso presado assinante, que acompanhado de sua esposa e filhos, encontra-se nesta vila.

Acompanhado de sua esposa e filho, encontra-se em Faro, em gozo de férias, o nosso estimado amigo sr. António de Jesus Sopa.

Regressou a Lisboa, acompanhado de sua esposa e filhos, o nosso presado assinante sr. Renato Adriano da Cruz.

Retirou para Santarém, após as férias na Praia, a menina Fernanda Rodrigues Carriço, gentil filha da nossa presada assinante sr.ª D. Amável Carriço.

Acompanhado de sua esposa, encontra-se em Lisboa, o nosso presado assinante sr. João Félix da Silva.

Encontra-se nesta localidade, passando alguns dias, acompanhado de sua esposa o nosso estimado assinante em Moura, sr. Manuel Vicente Campinas.

Regressou a Lisboa já restabelecido da doença de que foi acometido, o nosso prezado assinante sr. Manuel da Conceição Rosa.

PORTUGAL NO ESTRANGEIRO

Na Exposição Universal de Bruxelas foi Portugal um dos dez países mais altamente galardoados com a Estrela de Ouro.

Foi nomeado presidente da Conferência Internacional de Barragens o engenheiro Rebelo Pinto, representante de Portugal no VI Congresso de Barragens reunido em Nova Iorque, com a assistência de 800 engenheiros de 44 países.

Foi reeleito para o cargo de presidente da Federação Internacional das Sociedades de Homens de Letras o escritor português Félix Bermudes.

Conta Gotas

(Conclusão da 1.ª página) que bastava falar-lhes para amansarem...) temo as osgas, as lagartixas, os escorpiões, e as formigas pretas e barrigudas...

Trepam pelo carreirinho que lá serviu para os meus passos, um garotinho e uma ainda mais pequeneta. Ele, como depois vim a saber, era Lúcio, ela, Emília.

- Onde vais tu, Lúcio?
- Var o jantar ô mé pai.
- Que é dele?
- Tá na vindima.
- A quanto anda ele?
- A desolto.
- Que levás tu aí no cesto?
- Batatas, com azeite, meto chicharro seco, pão...
- O mesmo que tu comeste...
- Na, senhor!
- Pots?
- Batatas...
- Sim. Mais?
- O Lúcio—tantos Lúcios, aqui! — e a Emília trocam olhares entendidos e desatam a rir, como se aquilo fosse muito gracioso.
- Mais quê?
- E carne?
- Carne? Nunca vi o que isso é...

Nem o Lúcio nem a Emília (a quem eu daria 8 e 7 anos, e tinham na realidade 13 e 11) nunca tinham sequer provado carne de vaca! Não sabiam mesmo o que isso era! Isso acontece aqui, aqui mesmo, AQUI. Aqui exactamente à beira de hotéis e de pensões, à ilharga do turismo comilão e pagante. Aqui mesmo, à beira de dois pratos de peixe e carne.

Muito obrigado, Lena — digo à menina que serve — pode levar. Não me apetece. E que não me apetece mesmo a carne de vitela assada, em

Visado pela Comissão de Censura

HISTÓRIAS E ANEDOTAS SINGELAS

(Conclusão da 1.ª página)

— Não te sfadrigues com a política, porque Deus sabe quem e por que se governa. Ajunta por tuas mãos e lembra-te de que um homem é só homem do pescoço para cima.

E estas sentenças continuam a Joaquim Sebastião Rainha

Na impossibilidade de despedir-se de todas as pessoas que tiveram a gentileza de manifestar a sua amizade durante a sua estadia nesta vila, onde chefiou a Agência da Caixa Geral de Depósitos, Crédito e Previdência, vem por este meio agradecer e oferecer os seus fracos préstimos em Olhão, para onde foi transferido.

EM PORTIMÃO
Leia o "NOTÍCIAS DO ALGARVE" no CAFÉ NACIONAL e na BARBEARIA DESPORTIVA (de João Bonito)

BEBA BRANDE
A QUALQUER HORA. MAS BEBA BOM.



Conta Gotas

(Conclusão da 1.ª página) fatias, que parece ressuscitar de hotel para hotel, de penso para penso.

Farta disso. Aqui mesmo, à beira de onde estou farta.

Paltava esta definição
De tempos a tempos aparece o cinema. E' num barracão, semi-enterrado no lametiro onde cresce milho. Um auto fante percorre a povoação, com ganas de comunicar com a lua; — Atenção! Hoje, um filme «americano» «Preciso do teu amor!» Um filme romântico que fala ao coração de todas as mulheres!
Os homens e as raparigas que andam na vindima, levantam a cabeça, ao ouvir a algasarra. — E' prós do Hotel — diz-me esta moça de lenço a apertar-lhe os queixos.
Romantismo — para os do hotel...
Falta esta definição para uma justa avaliação do romantismo.
Maria Manuela Nunes

BICICLETAS MOTORISADAS

Chegou a nova «ANKER» com 3 velocidades, com quadro especial
Preço Esc. - 7.250\$00
Vendas com facilidades de pagamento
Agente em Vila Real de Santo António
Agência Comercial e Marítima do Sul
Avenida da República, 65 — Telefone, 65

orientar a arraia-miúda algarvia, que pelas raízes da Religião Católica se finca nas tradições nacionais.

Passante de um século, estavam tão arraigadas as usanças, como a dos côvados e das canadas, que a mudança dessas medidas por metros e litros deu causa a tiros e mortes em Tavita.

E o Matias recitou a seguinte sextilha, que ouviu menino e moço ao pai:
*Estes metros e estes litros
Põem tudo em confusão;
Val um homem pr'a taberna
De enorme lápis na mão
Sem saber com quantos litros
Pode apanhar um pião.*

Estas histórias públicas não entraram no conhecimento da Sr.ª Juliana do Arrife.

3 Há-de se notar que na dicção a Sr.ª Juliana leva as lampas ao Matias, seu compadre de águas bentas. Depois da Cruz do Morto, caso estejam cerradas as cancelas da via-férrea, a dita viúva entretem-se a soltar anedotas de outros tempos, mais ou menos caseiras. O Cabeço era um campónio tão rude como a filosofia que desbaratava para seu regalo e uso da família.

No confissãoário, indagou do padre se havia pecado em não ter feito o que tinha na vontade de não fazer.
— Não é — esclareceu o sacerdote.
— Pois senhor prior: eu não jejeuei porque não tinha tenção de jejuar.
— De outra ocasião, disse ao prior, depois confessando, que tinha, roubado um perum.
— Isso é outro pecado, que há-de pagar com outro jejum.
— Senhor prior — explicou contrito o Cabeço — eu não roubei um perum, mas dois gatos um por um ou seja um gato de cada vez.

4 Por sua natureza transcendentes, os concilíbulos da Portela ecoam pelas redondezas com a retumbância dos feitos memoráveis. Lá vêm à baila a grandeza e a pobreza dos visinhos, o que se amanha e o que se colhe e a esperança de melhor ano de colheitas.

Contando-se na Portela novelas absurdas, à Sr.ª Juliana ocorreram-lhe os ditos do Manuel Pedro, que não pedia nada a ninguém.
Chegando-se a quem tivesse muita palha, perguntava se a queria comprar.
— Olhe lá: a burra do Manuel Pedro é que não tem palha nenhuma.

Mas a burra era tão inteligente e sabida, que o acarretava perdido de bêbedo até casa. E ele dizia para a mulher:
— Ah Rita, Rita dos meus amores! Tu tens uma burra como não há outra, que me traz a casa para me meteres na cama.

Os dez minutos passaram e a automotora já ia longe quando se abriram as cancelas.
Torre dos Frades, Agosto de 1958.
José Estevam

CASA
Arrenda-se uma morada de casas, nesta vila, na Rua Conselheiro Frederico Ramires, 53. Tratar com Abílio Santos Pé.

«NOTÍCIAS DO ALGARVE»
VENDE-SE EM LISBOA na Tabacaria Antunes & C.ª Av. Almirante Reis, 22-C (aos Anjos)

PROVINCIA

ALGOUTIM

Cremos que a agitação que lavra para as bandas do Oriente tem repercussão na venda do petróleo nesta vila pois ora aparece ora desaparece com grande prejuizo dos seus habitantes que se vêm forçados a ir buscá-lo ás Quatro-Estradas, 6 quilómetros distante, onerando esse produto com a perda de tempo e transportes.

Não havendo falta de petróleo no país, não se compreende a razão porque há-de faltar em Alcoutim agravando as condições de vida já precárias dos seus habitantes.

Não poderiam os senhores comerciantes com um pouco de boa vontade evitar estes inconvenientes?

CINE-FOZ

Hoje, apresenta em cinematocope, «AVENTURA NO JAPÃO», com Teresa Wright, Cameron Mitchell, Philip Ober e Jon Provost.

Dois garotos, filhos de pai japonês e americano, encarnando o antagonismo secular de duas raças que quizeram estreitar as mãos.
(Para maiores de 6 anos).

Terça-feira, o filme português «GADO BRAVO», com Raul de Carvalho, Oly Gebauer, Siegfried Arno, Mariana Alves e Arthur Duarte.

O magnifico filme que marcou uma época no cinema português.
(Para maiores de 12 anos).

Quinta-feira, «A FILHA DE CAÍN», com José Ferrer e June Allyson.
(Para maiores de 17 anos).

«NOTÍCIAS DO ALGARVE»
VENDE-SE na FIGUEIRA DA FOZ: Tabacaria Pessoa

Seja económico
Poupe muito dinheiro
PREFIRA A
TIPOGRAFIA SOCORRO
FÁBRICA DE CARIMBOS
As oficinas gráficas que se impõem pela perfeição e esmero dos seus serviços, e equipadas com as mais modernas máquinas automáticas da Indústria Gráfica.
VILA REAL DE STO. ANTÓNIO
Telefone 59 Apartado 3

EXCELSIOR
As melhores tintas para navios de pesca e comércio
TINTAS PARA A CONSTRUÇÃO CIVIL
Depositário nesta Vila:
MIGUEL DA SILVA DOMÍNGUES
Avenida da República
— Telefone 12 —

Herniados
«BRAUBURGER» é a CINTA ALEMÁ que contém radicalmente todas as HERNIAS, «BRAUBURGER» é garantida com as assistência técnica gratuita pelo INSTITUTO HERNIARIO PORTUGUÊS. Largo do Mastro, 29 Lisboa Telefone 5 39 54

Surdos
Novos Modelos de aparelhos, novos modelos de ÓCULOS para ouvir, novos preços ao alcance de todos. Na defesa dos vossos interesses consultem o INSTITUTO HERNIARIO PORTUGUÊS Largo do Mastro, 29 — LISBOA

AGENDA

MOVIMENTO DA LOTA
de Vila Real de Santo António
De 18 a 24 de Setembro:

TRAINEIRAS	
Conceicanita	100.005\$00
Refrega	50.830\$00
Infante	41.385\$00
Vulcão	36.905\$00
Audaz	32.570\$00
Flor do Sul	22.965\$00
Triunfante	22.430\$00
Leste	21.580\$00
Flor do Guadiana	20.990\$00
Brisa	19.200\$00
Raulito	15.390\$00
Maria Rosa	13.665\$00
Agadão	12.720\$00
Liberta	12.345\$00
Sr.ª da Encarnação	7.870\$00
Tozé	7.020\$00
Pérola do Guadiana	4.650\$00
Janita	4.180\$00
Norte	3.540\$00
Costa Azul	1.790\$00
Restauração	1.425\$00
Estrela do Sul	855\$00
Noroeste	650\$00
Total	454.960\$00

Movimento de Navios no Porto
de Vila Real de Santo António
De 20 a 26 de Setembro

Entrados:
ARBEDO, Suisso, de 996 ton., de Kenitra, com carga em trânsito.
GORGULHO, Português, de 1.196 ton., de Setúbal, com carga em trânsito.
MARIA CHRISTINA, de 549 ton., e MIRA TERRA, de 572 ton., e ZE' MANEL, de 926 ton., ambos Portugueses, de Lisboa, vazios.
TERCEIRENSE, Português, de 1.265 ton., de Lisboa, com carga em trânsito.

Saídos:
ARBEDO, com conservas, para Genova.
GORGULHO, com sal, para Funchal.
LOUISE SCHUPP, com minério, para Roterdão.
MIRA TERRA, ZE' MANEL e MARIA CHRISTINA, ambos com minério, para Lisboa.
TERCEIRENSE, com sal, para Angra do Heroísmo.
MIRA TERRA, com minério, para Lisboa.

FARMÁCIA DE SERVIÇO
Está de serviço permanente, de 27 de Setembro a 3 de Outubro, a Farmácia CARMO, Rua S. João do Brito — Telefone 31.

PORTO RAINHA SANTA
ATÉ OS ANJOS BEBEM!...

RODRIGUES PINHO & C.ª
Vila Nova de Gaia

Notícias Pessoais

Com suas filhas foi a Lisboa assistir ao funeral do sr. alferes Pinheiro da Silva, vítima de desastre o sr. Luis de Jesus Brito, desta vila.

Em Vaqueiros e por motivo de se ter esbarrancado uma parede a que subira deu uma queda ficando bastante ferido o sr. José Madeira, desta vila.

Vítima de uma queda partiu um braço a sr.ª Cristiana Bárbara.

Recolheu aos hospitais civis de Lisboa afim de ser submetida a uma intervenção cirúrgica a sr.ª Jerónima Fernandes.

Cantiga dos antigos bailes:
*Coração não pulses mais
Tem cuidado no bater
A vida dura um instante
O amor faz-nos sofrer.*

CASA

Na Rua Infante D. Henrique, n.º 54, em Vila Real de Santo António, vende-se com chave na mão. Tratar na Rua Dr. Oliveira Salazar, n.º 4, na mesma vila.

FALECIMENTO

Faleceu no passado dia 25 do corrente, nesta vila, a sr.ª D. Francisca Mendonça Parreira, viúva, de 74 anos, natural de Corte Pinto, (Mértola). A extinta era mãe das sr.ªs D. Maria do Carmo Parreira Fernandes, D. Luísa do Carmo Parreira Pulicani, D. Alcinda Parreira Morais, D. Camila Parreira Toledo, D. Francisca José Parreira e dos srs. Pedro e João de Sousa Parreira e sogra das sr.ªs D. Josefa da Rosa Parreira, D. Bárbara Arsénio Parreira e dos srs. Joaquim Fernandes, Paulo Pulicani, António Morais e Firmo Gomes Toledo e avó das sr.ªs D. Maria da Encarnação Fernandes Zacarias e D. Maria Catarina Parreira Morais e dos srs. Joaquim do Carmo Fernandes e Firmo e José Parreira Toledo.
À família enlutada apresenta o «Notícias do Algarve» sentidas condolências.

«NOTÍCIAS DO ALGARVE»
VENDE-SE EM COIMBRA na Tabacaria Ilda & C.ª Ld. L. da Portagem, 55

Anuncie neste jornal de grande expansão em todo o País.

motores marítimos diesel

MERCEDES-BENZ

ENTREGAS IMEDIATAS OU MUITO RÁPIDAS PARA OS MODELOS:

OM 656	34 H.P. — 3.000 R.P.M.
202 B	55 H.P. — 1.200 R.P.M.
303 B	80 H.P. — 1.200 R.P.M.
304 B	120 H.P. — 1.200 R.P.M.
MB 945	225 H.P. — 1.500 R.P.M.

REPRESENTANTES C. SANTOS L.D.A.
LISBOA — COIMBRA — PORTO
VILAR EALDE SANTO ANTÓNIO

ENFERMAGEM... uma profissão digna e cheia de compensações morais!



NA SANTA CASA DA MISERICÓRDIA DE LISBOA SERÃO PRESTADOS TODOS OS ESCLARECIMENTOS E DADAS TODAS AS FACILIDADES PARA A OBTENÇÃO DO DIPLOMA DE ENFERMEIRA



DESPORTO
FUTEBOL

Campeonato Nacional II Divisão (Zona Sul)

Olhanense, 3 — Arroios, 1

Depois do excelente comportamento do Olhanense contra o Farense, a turma «rubro-negra», mesmo ganhando, claudicou, de certo modo, neste encontro com o Arroios. E este, para não desmentir uma tradição, empregou-se com afinco e, por vezes, com entusiasmo, dificultando ao máximo o triunfo algarvio.

O encontro teve um começo fraco e incharacterístico, com ambos os grupos a cultivarem o sistema de bola pelo ar, o que provoca sempre constantes choques e dificuldade em dominar o esférico. A despeito da melhor técnica patenteada pelos locais nalguns pormenores de jogo, eram, porém, os lisboetas quem mais tentava baixar a bola, dando á partida certo equilíbrio.

A avançada dos algarvios, todavia, obrigava Borrega a maiores trabalhos, Nuno, a certa altura, com um falhanço aparatoso, perdeu uma ocasião soberana de abrir o activo. Os visitantes, porém, sem nunca perderem o sentido do ataque, ripostavam com decisão. Assim, Dário, aos 22 minutos, obteve o único tento da sua equipa, com algumas culpas para Abade que, por pretender executar um «bonito», deixou o esférico ultrapassar o risco.

Não obstante os visitantes terem sido os primeiros a marcar, o encontro ganhou outra fisionomia, a partir desse momento. Os locais sentiram o perigo e forçaram o ataque. A sua avançada mostrou mais vivacidade, passou a criar embaraços á defesa, mas sempre com o senão de falta de decisão no remate, a tal ponto que Parra desperdiçou uma grande penalidade, quando iam decorridos 31 minutos.

A sua insistência e a sua movimentação tiveram necessariamente de abrir brecha no grupo visitante, aparecendo então, como corolário lógico, o golo do empate, aos 39 minutos, obtido por Campos.

No recomeço, os lisboetas, dando mostras de se contentarem com o empate, entraram a jogar com seis jogadores na defesa, verificando-se por vezes quase toda a equipa a defender, excepto Severino, o que permitiu aos donos da «casa» acentuarem ainda mais o seu domínio territorial. Deste modo não causou espanto a obtenção do segundo golo dos donos do terreno, novamente alcançado por Campos. E, já no declinar da partida, quando o resultado parecia feito, surgiu o último tento do Olhanense, devido a uma atitude infeliz de Simpliciano. Borrega executou uma defesa carregada por Angelo, ficando magoado no lance, sem que o árbitro tivesse achado motivo para interromper o jogo. O defesa do Arroios, ao pretender segurar o seu companheiro, numa decisão precipitada, tirou-lhe o esférico das mãos, e o árbitro, automaticamente, ordenou a marcação de um «penalty», o qual foi convertido por Parra.

Portimonense, 2 - Farense, 1

Este encontro teve a presença de numerosa assistência vinda de todas as partes do Algarve, que nunca se

fartou de aplaudir as duas equipas.

Aconteceu, porém, que o jogo não chegou a agradar (mais, evidentemente, aos adeptos do Farense), pois o esférico foi quase sempre jogado aos repelões, revelando os jogadores (mais os visitantes) pouco entendimento entre si, pois era vulgar ver entregas de bola por parte destes aos adversários, inclusivamente quando tinham campo aberto e sem alguém a prejudicar o bom endosso. A primeira parte, se bem que o futebol praticado não fosse de muito boa qualidade, foi, contudo, o período em que as equipas jogaram melhor, revelando os jogadores mais calma e melhor visão do lance.

Até ao quarto de hora, momento em que o Portimonense se adiantou no marcador, com um golo de Grilo, já se notava leve ascendente territorial dos locais, o qual veio a intensificar-se exactamente com a marcação do tento.

A partir do lance de que resultou o ponto, o Portimonense forçou de tal modo o andamento que a defesa do Farense, mesmo aplicando-se com todo o entusiasmo, era impotente para segurar os endiabrados avançados adversários, que apareciam constantemente em frente de Mário. Valeu, neste período á equipa a boa «forma» em que Mário se encontra, pois o guarda-linha farense defendeu quase tudo, inclusivamente o que parecia já golo. No entanto os visitantes, mesmo jogando menos do que sabem, podem queixar-se do azar que sempre tiveram, durante estes primeiros 45 minutos, pois além dos seus avançados, especialmente Queimado, que continua a perder golos inexplicavelmente, até beneficiaram de uma grande penalidade, que o árbitro mandou repetir, e muito bem, pois, da primeira vez, encontravam-se jogadores dentro da grande área, mas os encarregados de apontarem o castigo (Vinagre a primeira e, depois, Rialito) ambos falharam, atirando ao lado, como se os pontapés fossem tirados a papel químico, tão iguais eles foram.

Reatado o jogo, logo o Portimonense, que não tinha ganho para o susto, tornou a assenhorear-se do comando do jogo. Agora, a defesa do Farense estava mais segura e tinha quase sempre possibilidades de evitar que o esférico fosse rematado á sua baliza. A passagem dos 25 minutos, Mendonça recebeu um bom passe de Calle, mas quando se preparava para visar a baliza, deixou que Daniel lhe arrebatasse o esférico. Perdido entre o ensejo dos visitantes, os locais jogando sempre com mais entusiasmo e vivacidade, puderam, quando iam decorridos 37 minutos, marcar mais um golo, por intermédio do seu excelente extremo-esquerdo, Alexandrino. Cite-se, no entanto, que este golo apenas foi possível pela desatenção de Reina, pois viu que o seu companheiro Ventura ficou batido e não ocorreu á bola, quando ela ficou mais perto de si do que de Alexandrino.

FOSFATO THOMAS
AO SERVIÇO DA LAVOURA
CULTURAS CEREALÍFERAS

SENHORES LAVRADORES

EIS OS RESULTADOS CONCRETOS OBTIDOS NA ÚLTIMA COLHEITA COM O EMPREGO DO FOSFATO THOMAS EM DIVERSOS CAMPOS DE DEMONSTRAÇÃO; FEITOS PELOS NOSSOS SERVIÇOS TÉCNICOS EM COLABORAÇÃO COM ALGUNS PRODUTORES DO ALENTEJO E DO ALGARVE.

REDONDO

Herdade da Cerujelva do Sr. José da Silva

ADUBAÇÃO:

Fosfato Thomas	2.000	quilos
Sulfonitrato de Amónio da RUHR.	500	»
Cloreto de Potássio	400	»

SEMENTE:

Trigo Impeto	624	quilos
A'rea.	5	hectares
Colheita	11.250	quilos
Peso Especifico	75	»
Campo testemunha com adubação habitual	5.612	»

MONBEJA

Herdade do Sr. António Veríssimo

ADUBAÇÃO:

Fosfato Thomas	600	quilos
Sulfonitrato de Amónio da RUHR.	150	»
Cloreto de Potássio	150	»

SEMENTE:

Trigo Preto Amarelo.	189	quilos
A'rea.	15.000	m2
Colheita	3.024	quilos
Peso Especifico	82	»
Campo testemunha com adubação habitual	2.457	»

GUBA

Herdade de N.ª S.ª da Rocha, do Sr. José Meraís de Almeida

ADUBAÇÃO:

Fosfato Thomas	100	quilos
Sulfonitrato de Amónio da RUHR.	25	»
Sulfato de Potássio	25	»

SEMENTE:

Trigo Pirana	30	quilos
A'rea.	2.500	m2
Colheita	840	quilos
Peso Especifico	83	»
Campo testemunha com adubação habitual	750	»

GUBA

Herdade de Carinos do Sr. José Augusto Carriço

ADUBAÇÃO:

Fosfato Thomas	100	quilos
Sulfonitrato de Amónio da RUHR.	25	»
Sulfato de Potássio	25	»

SEMENTE:

Trigo Impeto	30	quilos
A'rea.	2.500	m2
Colheita	900	quilos
Peso Especifico	85	»
Campo testemunha com adubação habitual	840	»

LAVRE

Na propriedade da Ex.ª Sr.ª D. Maria Joana Fernandes da Câmara Manuel

ADUBAÇÃO:

Fosfato Thomas	400	quilos
Sulfonitrato de Amónio da RUHR.	100	»

SEMENTE:

Trigo Preto Amarelo.	105	quilos
A'rea.	10.000	m2
Colheita	1.040	quilos
Peso Especifico	80	»
Campo testemunha com adubação habitual	930	»

GASTRO MARIM

Herdade da Esparragosa do Sr. Francisco da Fonseca Franco

ADUBAÇÃO:

Fosfato Thomas	100	quilos
Sulfonitrato de Amónio da RUHR.	25	»
Cloreto de Potássio	25	»

SEMENTE:

Trigo Autonomia	28	quilos
A'rea.	2.500	m2
Colheita	286	quilos
Peso Especifico	82	»
Campo testemunha com adubação habitual	234	»

GASTRO MARIM

Herdade do Sobral do Sr. José Henriques

ADUBAÇÃO:

Fosfato Thomas	100	quilos
Sulfonitrato de Amónio da RUHR.	25	»
Cloreto de Potássio	25	»

SEMENTE:

Trigo Reves	18	quilos
Trigo Roma.	8	»
A'rea.	2.500	m2
Colheita «Reves» — 170 quilos	320	quilos
Colheita «Roma» — 150		
Peso Especifico	82	»
Campo testemunha com adubação habitual	268	»

VILA NOVA — GAGELA

Herdade da Fidalga do Sr. Dr. José Augusto Soares de Matos

ADUBAÇÃO:

Fosfato Thomas	100	quilos
Sulfonitrato de Amónio da RUHR.	25	»
Cloreto de Potássio	25	»

SEMENTE:

Trigo Roma.	35	quilos
A'rea.	2.500	m2
Colheita	308	quilos
Peso Especifico	83	»
Campo testemunha com adubação habitual	273	»

RAPOSEIRA — VILA DO BISPO

Herdade do Pisão do Sr. Joaquim Valente Correia

ADUBAÇÃO:

Fosfato Thomas	100	quilos
Sulfonitrato de Amónio da RUHR.	25	»
Cloreto de Potássio	25	»

SEMENTE:

Trigo Preto Amarelo.	35	quilos
A'rea.	2.500	m2
Colheita	280	quilos
Peso Especifico	80	»
Campo testemunha com adubação habitual	245	»

Herdade da Garga do Sr. Joaquim Valente Correia

ADUBAÇÃO:

Fosfato Thomas	100	quilos
Sulfonitrato de Amónio da RUHR.	25	»
Cloreto de Potássio	25	»

SEMENTE:

Trigo Preto Amarelo.	35	quilos
A'rea.	2.500	m2
Colheita	280	quilos
Peso Especifico	80	»
Campo testemunha com adubação habitual	245	»

Herdade do Padrão do Sr. Joaquim Valente Correia

ADUBAÇÃO:

Fosfato Thomas	100	quilos
Sulfonitrato de Amónio da RUHR.	25	»
Cloreto de Potássio	25	»

SEMENTE:

Trigo Preto Amarelo.	35	quilos
A'rea.	2.500	m2
Colheita	280	quilos
Peso Especifico	80	»
Campo testemunha com adubação habitual	275	»

RAPOSEIRA — VILA DO BISPO

Herdade da Sanfaina do Sr. Joaquim Valente Correia

ADUBAÇÃO:

Fosfato Thomas	100	quilos
Cloreto de Potássio	15	»

SEMENTE:

Fava	100	litros
A'rea.	2.500	m2
Colheita	960	litros
Campo testemunha com adubação habitual	630	»

SENHORES LAVRADORES:

DEFENDAM A FERTILIDADE DAS VOSSAS TERRAS E O ÊXITO DAS CULTURAS PREFERINDO E ADUBANDO COM FOSFATO THOMAS—SULFONITRATO DE AMONIO DA RUHR

E OBTEREIS: MAIORES COLHEITAS — MELHORES PRODUTOS — MAIOR COMPENSAÇÃO ECONÓMICA

PEDIDOS AOS DISTRIBUIDORES

SOCIEDADES REUNIDAS REIS, LDA.

Lisboa — Rossio, 102 — 108 — 1.º — Tel. 32521/2/3
Porto — R. Fernandes Tomás, 565 — 573 — Tel. 23437
Pampilhosa — Tel. 13

TODO o jovem inspira naturalmente interesse; é como planta nascente que promete algum fruto; é para todos uma satisfação, quase um dever, ampará-lo. — A. de Chesnel.

A CASO: — Nome que se dá em certos casos à vontade dos outros.

EXISTE uma flor, chamada «Stofelia Nobilis» que tem a particularidade extraordinária de ser rejeitada pelas abelhas, as quais, em caso algum, lhe tocam.

OS animais de mordedura mais venenosa são: o caluniador, entre os animais ferozes; e o adúlador, entre os animais domésticos.

O CRIADO, visivelmente perturbado, correu ao escritório prevenindo o patrão que um cliente caíra da cadeira com um ataque horrível.

— Que devo fazer? — pergunta o empregado.

— Tira imediatamente a conta e leva-lha antes que ele morra!

CHEIRO, que fica nas mãos depois de se utilizar a benzina, desaparece passando-as com um punhado de sal.

TELEFONIA: — Flagelo para o qual ainda não se descobriu um «rádio» que o parta.

O POPOCATEBEL é um dos principais vulcões do México. Fica a 45 quilómetros da cidade de Puebla. O primeiro europeu que dele se aproximou foi Diogo Ortega, em 1522.

NÃO há profissão mais abservente que a ociosidade.

A PESCA do bacalhau, na Terra Nova, desenvolveu-se, principalmente, no ano de 1506. Nesse ano, referem antigos documentos saírem pela barra de Aveiro sessenta navios com destino à Terra Nova.

— Ora ainda bem que chegou. Chamei-o para arranjar o piano da minha filha.

— Então deve haver engano; eu sou serralheiro, não sou afinador...

— Por isso mesmo. Quero que lhe ponha uma fechadura com segredo e me dê a chave!

Sas mulheres não fizessem tantas perguntas, os homens não mentiam tanto.

*Sou a nau abandonada
No mar da tua ventura...
Sou tudo o que o nada quer
Do nada que a vida dura...*

MEDITANDO...

(Conclusão da 1.ª página)

E' por isso preciso aproveitar todos os recantos de terreno onde ela possa medrar sem prejuizo das outras culturas também indispensáveis ao homem.

Para isso devem percorrer o País brigadas de técnicos conscientes que expliquem ao lavrador como deve proceder. Ir aos locais próprios e aí, falar-lhe numa linguagem compreensível e confiante sem atitudes doutorais ou pedantescas. Incutir-lhe confiança e aconselhar-lhe a árvore própria para cada terreno, os cuidados que com ela deve ter para um bom e forte desenvolvimento.

O nosso lavrador, principalmente o do sul está virtualmente abandonado por quem o oriente. O do norte, já mais experiente, aproveita as suas abundantes romarias e principalmente os seus mercados e feiras para se reunir, discutir e trocar impressões das experiências que faz nas suas culturas.

Os técnicos servem para estudar, dirigir e orientar. As mangas de alpaca são para os burocratas das secretarias que lá estão para redigir as notas e ofícios e ordenar as estatísticas.

O ar livre nunca fez mal a ninguém. Acobreia a pele mas dá riqueza e saúde.

Em Alcoutim, quando caíu um muro de suporte arrastado pelas águas do rio, como ninguém queria ir para lá porque aquilo é aborrecido, levou anos naquele abandono chegando-se ao extremo de encarregar o guarda-rios de tomar medidas.

Foi necessário que lá tivesse passado Duarte Pacheco para se fazer o que lá está e que me dissem ser o melhor porto fluvial interior do País.

Reporto-me agora aos concei-lhos de Castro Marim e Alcoutim que há pouco atravessai pela estrada.

Se ninguém me encomendou o

HÁ CASOS EM QUE POR AMOR Á VERDADEIRA EDUCAÇÃO E ÀS CRIANÇAS

O PROFESSOR É APODADO DE MAU FUNCIONÁRIO

(Conclusão da 1.ª página)

de antigamente, onde toda a gente tinha medo de ir.

Não nos esqueçamos de que entrevistámos uma professora:

— *A escola primária actual corresponde às necessidades do respectivo ensino?*

Maria Rosa responde-nos com outra pergunta:

— Para que insistir?

Mas logo volta a interrogar e a responder:

— A que chama você, ensino? A' boa vontade que de há uns anos a esta parte se tem pretendido orientar, em moldes novos, a aprendizagem? Bem sabe que nem só de sonhos vive o homem.

E nem a educação. A Pedagogia moderna é um mundo de realidades de que estamos, entre nós e apesar de tudo, a anos de luz de distância.

A meada está de tal modo difícil que nem sei que ponta deveríamos tomar para acontecer Educação autêntica, honesta.

Tínhamos de começar por antes do princípio, quase, de tal maneira se adquiriu já o vício do «pouco mais ou menos». Entretanto, façamos uma pedagogia de solidariedade e amor que, embora pareça uma solução demasiado lírica, é a única de cujos frutos não poderei duvidar para já, porque pode iniciar-se exclusivamente a partir de cada um de nós, independente de circunstâncias e deficiências ambientais.

Aproveitámos um momento de silêncio e meditação para pôr nova interrogação:

— *Parece-lhe suficiente, em face das realidades, a preparação dos novos professores primários?*

Maria Rosa Colaço não fica surpreendida com a pergunta, parece que a aguardava já. Serenamente, sem pressas, diz-nos:

— Nunca ninguém está suficientemente preparado para coisa nenhuma, muito menos para educar crianças. A Educação é uma força viva que exige permanentemente renovação de conhecimentos. Mas há dois casos a considerar:

— aqueles para quem o Magistério não é obrigação, mas Vocação;

— e os outros.

Os primeiros, conseguem suprir as deficiências de um curso de

tão pouco tempo e tão sobrecarregado, devorando (devorando é o termo) um máximo de conhecimentos psico-didáticos surripia-dos cá por fora, num mínimo de tempo e esperando que essa papa mal mastigada, acabe, com os anos e a prática, por ser sereníssima digestão.

Cá fora continuarão seus arre-medos de cultura (nunca passamos todos de arredados) havendo até casos em que por amor à verdadeira Educação e às crianças, o professor é apodado de mau funcionário. E' nesta obra que muitas vezes não se repara, preocupados como o andamos todos com as médias e as percentagens de fim de ano.

Depois há os outros: os da vocação errada. Para esses o que é preciso é acabar. Se tivessem tempo e dinheiro para mais, iriam para um curso da Universidade. E' muito mais fino e importante ser doutor que mestre-escola, não sabia?

Correspondemos ao sorriso de Maria Rosa e deixá-mo-la prosseguir:

— E' Insuficiente a preparação, porque em nossos dias, as técnicas elementares de leitura, escrita e cálculo absolutamente necessárias a todo o indivíduo, nada porém representam quando não devidamente aproveitadas de forma permanente, no enriquecimento intelectual e na satisfação do que representa a autêntica base mínima, das exigências culturais e humanas da vida actual.

A Escola só cumprirá cabalmente a sua missão, na medida em que se vitalize pelo contacto das realidades em que vivem e trabalham as gerações adultas.

Não deixámos que a nossa entrevistada respirasse. Pusemos rapidamente nova questão:

— *E' de parecer que cada escola primária ou agregado de escolas primárias deveria ter a sua biblioteca, especialmente dedicada às crianças?*

— Não vamos sequer por em equação essa ideia — diz-nos Maria Rosa. Mas que nos dessem realmente, possibilidades de adquirir livros para crianças. Livros autênticos, sem papões e bruxas que engolem meninos e outros heróis de trazer por casa.

Se houvesse possibilidade de se inventar para af uma lei, ou um decreto número qualquer coisa que obrigasse as casas editoras a lembrarem-se, gratuita e conscientemente das necessidades dos nossos rapazinhas... Assim, olhe: vamos nós escrevendo as histórias que lhe havemos de contar. Se sair asneira, já não culpamos ninguém.

A conversa com Maria Rosa Colaço já ia longa, mas tinha tanto interesse e havia tanto que indagar dela, que não hesitámos em continuar:

— São bastantes a 3.ª e 4.ª classes ou considera indispensável elevar a frequência das escolas primárias para que os alunos possam alcançar certos rudimentos de cultura que parecem essenciais à vida prática?

A nossa amável interlocutora está senhora absoluta da situação. Sabe bem quais os imperativos económicos que limitam a possibilidade do povo se educar; sabe perfeitamente a acuidade e importância que o problema tem, principalmente nos meios rurais do nosso País. Não hesita, portanto, na resposta:

— O problema é muito complexo. Talvez que na população infantil das cidades que, na maioria, derivam para as Escolas Técnicas e Liceus, esse aumento na frequência fosse a solução. A cultura que a criança leva ao sair da escola é uma coisa afilativa mas a verdade é que os programas que se têm que cumprir, pouco mais permitem. Isto é um facto, sim senhor. Mas aumentar a frequência, por exemplo, nesta população 90% rural, como? Como, se quando, esporadicamente, aqui nos aparece uma criança de doze ou treze anos, os pais levam o tempo a solicitar-nos a sua dispensa, ou para tratar dos irmãos mais pequenos, ou para ir guardar as ovelhas, ou... porque faz falta, pronto!

A solução estaria talvez em eliminar uma percentagem de inutilidades que nos rotubam o tempo, reformar alguns livros que nos orientam, tornando-os, em linguagem acessível, fonte de conhecimentos interessantes (de interesse), própria para crianças, com a

ser o último a entrar na minha oficina.

Amácio Pires

sua idade cheia de exigências e características psicológicas e não para adultos em miniatura, de mentalidade em evolução como alguns parecem ser feitos. Além disso há ainda a completa ausência de educação estética, que nas aulas de 4.ª feira não poderemos solucionar, porque o material próprio custa os olhos da cara e nós ainda nos preocupamos mais com um corpo mal vestido de inverno, que com uma sensibilidade atrofiada, como é lógico.

Se nesses livros houvesse ao menos desenhos que fizessem despertar nos mocinhos uma partícula de sonho. Agora assim...

Não quizemos insistir no vasto assunto da educação e não era legítimo estar a sequestrar uma professora aos seus pequenos alunos. Inquirimos:

— *Em seu entender o actual panorama cultural português tem tendências para estagnar ou para progredir?*

Maria Rosa Colaço apresenta-se, ante a nossa pergunta, com uma modéstia e pequenez que não se harmonizam, de maneira alguma, com o positivo valor das suas dissertações anteriores e do seu vasto labor intelectual:

— Eu sou apenas uma rapariga de província, que anda a aprender para professora e que nem sempre tem tempo de ler os jornais diários para ver o boletim meteorológico e outras notícias susceptíveis de alteração como as inclinações mais ou menos políticas dos cidadãos.

Quanto a nós, a política, sendo um meio, de modo algum será um fim. Interessamo-nos, por esta razão, muito mais as realizações válidas alheias à política do que aquilo que, através dela, possa conseguir-se. Na verdade, essas conquistas políticas são mais um favor e uma concessão do que realidades positivas dimanadas do amor, justiça e compreensão humanas — atitude realmente válida e construtiva para a humanidade.

Mas deixemos que Rosa Colaço prossiga:

Não se esqueça que a minha geração sonhou essa tarefa gigantesca e de propósitos claros que foi «CONVÍVIO». Nunca soube de um grande rio caudaloso em que nascesse um pantano de águas estagnadas.

Começámos a despedir-mo-nos da jovem mestre-escola; com a sua mão na nossa, num aperto pleno de simpatia e consideração, quizemos, saber à despedida:

— *Quais são para si os valores mais positivos da actual geração?*

Outra pergunta, porém, é a resposta:

— O que são «valores positivos»?

Claro que temos a nossa opinião, mas a função do jornalista é perguntar e não responder — pelo menos durante uma entrevista...

A entrevista tinha terminado. Maria Rosa Colaço, a jovem escritora de «é urgente o amor» (1) permanecerá sempre bem viva na nossa lembrança e no nosso convívio amigo.

Da lição que nos deu, valiosos ensinamentos nos ficaram e com eles uma certeza: — que os seus alunos reterão em seus cérebros um pouco da lúcida inteligência sua. Gloriosa seja a mocidade que pode contar com tamanhos professores!

(1) A peça de Luiz Francisco Rebelo encontrou em Maria Rosa Colaço uma parafraseadora notável.

João dos Santos Marques



O ALGARVE, FALADO E ELOGIADO, NUMA CARUAGEM DOS «ESTORIS»

Aconteceu no passado domingo numa carruagem apinhada de gente que procurava na linha de Cascais a frescura das águas tépidas da Costa do Sol. A rapariga simpática de modos agradáveis, sentara-se por detrás de mim. Falava e gesticulava com várias pessoas que a acompanhavam, e, pela voz, voz que se me infiltrava nos tímpanos, constatei tratar-se de uma algarvia que pela primeira vez visitava aquelas paragens.

Passava o comboio por Belém, onde os barcos dispersos sobre as águas tranquilas baloiçavam e na praia os homens consertavam as redes, continuava ela a falar da sua terra e das saudades que aquele quadro lhe suscitavam. Na burguesa praia de Algés, depois de ter olhado a água barrenta e o cano de esgoto que se serpenteia através da areia, deixou sair um «ah!» agudo, perplexo, e rompeu com uma série de comentários que mais ou menos reproduzimos. Oicamo-los, por favor:

— Mas que geito um cano ali na praia! Ah, meninas! As praias algarvias são melhores! A água, a areia, a paisagem, não há praia sem rochedos! Que maravilha! Vocês conhecem o Algarve? Não! Que pena! Ali a D. Alexandrina conhece, não é verdade? A praia da Rocha tem uma temperatura tão boa que os estrangeiros tomam banho em Outubro! Sim, em Outubro, quando a gente anda a tremer de frio! E de pois, meninas, a paisagem vista do Grande Hotel, os Três Ursos, o Buraco da Avó, que maravilha! Não é verdade, D. Alexandrina?! Aquilo é que é uma praia, não são areais com canos de esgoto como as vossas! Que praia é esta aqui? (respondem-lhe que é a de Cascais). E a de Albufeira?! Olhem, andam lá a construir um hotel que um senhor, esquece-me o nome, financiou; é

um senhor que está aqui na «Casa do Algarve». Pois já me disseram que vai ficar um bonito hotel. A praia tem um túnel muito engraçado e a vila é tipicamente algarvia. A de Quarteira, também é muito linda; passei lá dois dias que foram um encanto, não se recorda, D. Alexandrina? Ah, temos também a praia de Monte Gordo: se vocês vissem a extensão daquele areal, as barraquinhas muito brancas e o casino no meio da praia! É lindo, lindo!

As nossas praias têm rochedos, e as águas límpidas e serenas servem de pretexto aos mais rasgados elogios. A D. Alexandrina lembra-se daquele alemão que encontrámos na Rocha o verão passado? Disse-nos o senhor que nunca conheceu praia assim! Praia e gente boa, como são todos os algarvios, gente sã e acolhedora, pois então!

Brrr! Esta carruagem está a abarrotar de gente! Desconfio que se na minha terra fosse assim, ninguém ia à praia. Quando entrei na carruagem, iam-me arrancando os braços, e por que há esta falta de transportes? (disseram-lhe que há muitos transportes, mas a gente é muita). Ah! Mas tanta gente que este comboio leva! Sim, eu compreendo, mas se vocês pudessem ter uma praia como as do Algarve, não tinham comboios nem barcos que chegassem! Perguntem ali a D. Alexandrina que ela vos dirá se falou verdade ou mentira! Não é assim D. Alexandrina?!

Apeámo-nos em St.º Amaro de Oeiras e ficámos a pensar que a simpática algarvia falara verdade. Ficámos mesmo a sonhar com a bela praia da Rocha ou as de Quarteira e Monte Gordo e Albufeira.

O Algarve estivera ali presente — como uma gota perdida no meio de gente sequiosa e amorrotada umas contra as outras, presente pela boca duma sua filha legítima. Bem haja!

E. V.

O JAPÃO A CONQUISTA DOS MERCADOS DO ATUM

(Conclusão da 1.ª página)

res de atum europeus e americanos que não podem acompanhar os seus preços competitivos.

Uma breve súmula de informações permitirá documentar objectivamente o assunto. O Brasil autorizou recentemente uma das maiores empresas piscatórias japonesas a trabalhar nas suas águas com cinco barcos atuneiros bem apetrechados, o que, motivou um protesto da organização representativa das pescas do Estado de S. Paulo, ameaçados por esta concorrência insólita. Os fabricantes australianos de conservas de peixes solicitaram há tempo a protecção do Ministério do Comércio do seu país contra a concorrência do peixe importado do Japão por preços inverosímeis, sob risco de encerramento próximo de muitas fábricas. No Peru, já se verificaram paralizações numerosas de actividade conserveira por efeito da concorrência nipónica. Na Suíça está a declinar consideravelmente o consumo de conservas de sardinha e outras espécies devido à infiltração progressiva de conservas de atum japonesas de baixo preço. A Itália está preocupada com o futuro da

sua indústria conserveira da costa do Adriático, em face da competição violenta que está a chegar-lhe da mesma origem. As possibilidades de desenvolvimento em grande escala da pesca de escombrões de avultado porte na costa nordestina brasileira têm dado lugar a diligências assíduas de industriais japoneses, que se propõem montar fábricas de enlatamento de produtos marinhos nas imediações da Baía e Recife. Muitos outros factos desta natureza poderiam ser apontados. Não há necessidade, porém, de alongar tais referências para salientar a gravidade do problema que se apresenta actualmente à indústria portuguesa de conservas de atum.

A produção nacional da especialidade está sendo fortemente batida pela concorrência japonesa nos mercados que constituíam fundamental apoio da sua actividade. Na Itália, que era o mais importante cliente do atum português manipulado nas fábricas do Algarve, as perspectivas são extremamente sombrias. Os navios de pesca japoneses desembarcam nos centros conserveiros deste país milhares de toneladas de atum fresco que vão pescar ao Oceano Atlântico e ao Índico e vendem por preços baixíssimos. Providas de matéria-prima abundante e barata, as fábricas italianas de conservas de atum estão agora habilitadas a produzir conservas de atum por preços que a indústria estrangeira não poderá acompanhar. Os fabricantes portugueses e espanhóis, que têm sido tradicionais fornecedores no mercado italiano, estão impossibilitados de concorrer neste mercado a não ser que se sujeitem a reduções de preços incompatíveis com os encargos da sua laboração.

De («Conservas de Peixe»)

Conclui no próximo número

RÁDIOS E TELEVISORES NORDMEND

MODELOS - 1959

Produzidos pela maior Fábrica de Rádios e Televisores da Alemanha

O máximo de Técnica, Formato e Som.

Antes de comprar um destes aparelhos consulte o Agente nesta localidade

M. Salvador Vaz Palma

Av. da República, 65 - Telef. 76

Vila Real de Santo António

"NOTÍCIAS DO ALGARVE"

VENDE-SE EM LEIRIA na Papelaria VITAL